



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO – PROEG**  
**CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL**

**ÍTALO RAELISON DE ASSIS CORTEZ**

**PANDEMIA E ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: A (DES)IGUALDADE NO  
ACESSO À TECNOLOGIA NO CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA DO  
CAP/UERN**

**PATU – RN**  
**2022**

ÍTALO RAELISON DE ASSIS CORTEZ

**PANDEMIA E ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: A (DES)IGUALDADE NO  
ACESSO À TECNOLOGIA NO CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA DO  
CAP/UERN**

Trabalho de conclusão de curso, desenvolvido como pré-requisito para a conclusão do curso de Letras Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas no *Campus* Avançado de Patu, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CAP/UERN).

Orientadora: Dra. Cláudia Maria Felício Ferreira Tomé

PATU – RN

2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei n° 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei n° 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

C828p Cortez, Ítalo Raelison de Assis  
Pandemia e ensino remoto emergencial: a (des)igualdade no acesso à tecnologia no curso de Letras Língua Portuguesa do CAP UERN. / Ítalo Raelison de Assis Cortez. - Patu, 2022.  
51p.

Orientador(a): Profa. Dra. Cláudia Maria Felício Ferreira Tomé.  
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. ensino remoto emergencial; (des)igualdade; meios tecnológicos; formato de ensino; ensino e aprendizagem..  
I. Tomé, Cláudia Maria Felício Ferreira. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

ÍTALO Raelison de Assis Cortez

PANDEMIA E ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: A (DES)IGUALDADE NO  
ACESSO À TECNOLOGIA NO CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA  
DO CAP/UERN

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, do *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Aprovada em: 26/09/2022.

Banca Examinadora



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Cláudia Maria Felício Ferreira Tomé  
(Orientadora)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –  
UERN



Prof. Dr<sup>ª</sup> Francisca Edilma Braga Soares Aureliano  
Universidade Feredal do Rio Grande do Norte –  
UFRN



---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Antonia Sueli da Silva Gomes  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –  
UERN

A minha família, dedico.

## AGRADECIMENTOS

Guardo esse primeiro momento desses agradecimentos para render graças à Deus pela minha saúde, e por Ele nunca ter me abandonado durante todo esse percurso, em todos os tempos nublados e ensolarados. Dito isso, agradeço imensamente a minha família por sempre estar ao meu lado, por sempre me apoiar e me amar incondicionalmente, em especial a minha mãe por sempre me incentivar e estar preocupada com a minha aprendizagem; agradeço também a minha irmã por sempre estar ao meu lado, sempre disposta a me ajudar em todos os momentos.

Agora se faz necessário pensar um pouco; retomamos aqui para o início do curso, quando ainda estávamos semeando as nossas amizades. Foram anos de muitos aprendizados, cheios de momentos inesquecíveis, e esses só foram possíveis por conta dos melhores colegas que se transformaram em amigos muito especiais. Fiquem cientes que sou grato por termos partilhado esse pequeno momento da nossa história: Jhenypher, Severino, Wênia, Thauan, Jéssica – que infelizmente não pôde dar continuidade ao curso, mas que tem em meu coração um lugar reservado –, e Willian. Agradeço a Brenda por sua amizade, por sempre estar nos ajudando, e partilhando dos melhores instantes, esses estão em meu coração; junto com o “grupinho” foram divididos muitos momentos bons, diversos trabalhos apresentados. Esses momentos estarão sempre eternizados em meu coração, e espero que estejam destinados a serem repetidos. Agradeço também a cada um da turma; que de alguma forma me ajudou a ser o profissional melhor.

Agradeço a todos os professores/professoras, que durante essa formação partilharam conhecimentos conosco, grato aos técnicos e funcionários do CAP/UERN por toda dedicação e esmero pelo *campus*. Em especial a minha orientado e diretora Cláudia Tomé, que aceitou o trabalho de me orientar, a ela sou grato por todo o tempo que me foi destinado e aos aprendizados que me proporcionou. Fico agradecido as professoras que aceitaram o convite para comporem a minha banca avaliadora, Edilma Braga e Sueli Gomes. Grato a todos!

“Cada forma de vida inventa seu mundo e, com esse mundo, um espaço e um tempo específicos. O universo cultural, próprio aos humanos, estende ainda mais essa variabilidade dos espaços e das temporalidades.” (LÉVY, 1996, p. 10).

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal estudar o Ensino Remoto Emergencial (ERE) e as (des)igualdades que nele existem, analisando as dificuldades que permearam o ensino e aprendizagem dos alunos do curso de Letras Língua Portuguesa do CAP/UERN nesse contexto. Por conseguinte, busca entender como as dificuldades de acesso a meios tecnológicos e de informação contribuíram para que houvesse a reverberação da (des)igualdade e a visibilidade do (des)equilíbrio no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. O lócus do trabalho é o curso de Letras do CAP/UERN e os sujeitos são os alunos que iniciaram o curso no ensino presencial e migraram para o ensino remoto emergencial, os quais trazem relatos de experiências sobre o desenvolvimento do ERE e sobre as (des)igualdades no acesso ao ensino. De caráter qualitativa e de natureza exploratória e descritiva, a pesquisa explora problemas em torno das dificuldades no acesso ao ensino e aprendizagem devido à falta de acesso à tecnologia, ambiente adequado para estudo, condições materiais e psicológicas para tal. Para a geração do *corpus*, utilizou-se a aplicação de questionários nas turmas do 5º e 8º períodos do curso de Letras do CAP/UERN. E, como aporte teórico, tomou-se como embasamento os autores Lévy (1996, 1998) abordando reflexões sobre a virtualidade, realidade e atualidade e sua importância; Bacich, Tanzi Neto, Trevisani (2015) com o intuito de apreender como as tecnologias atuam na educação em relação as aulas *online*; Temóteo (2021), Coqueiro e Souza (2021), Silva (2020), Souza (2020) e Feitosa et al (2020) para entender como se deu o processo de implementação do ERE, e como ele afetou o desenvolvimento do universitário. Os dados obtidos mostram que o ERE apresenta algumas lacunas. De acordo com os estudantes, problemas como a escassez de equipamentos tecnológicos e a falta de um ambiente apropriado para o estudo foram obstáculos que corroboraram para o (des)igualdade no ensino e aprendizagem, além do distanciamento em torno da relação aluno-professor.

**Palavras-chave:** ensino remoto emergencial; (des)igualdade; meios tecnológicos; formato de ensino; ensino e aprendizagem.



## ABSTRACT

This work has as its main objective to study Emergency Remote Education (ERE) and the (dis)equalities that exist in it, analyzing the difficulties that permeated the teaching and learning of students of the course of the Letters of the CAP/UERN in this context. Therefore, it seeks to understand how the difficulties of access to technology and information mean contributed to the reverberation of (dis)equality and the visibility of (dis)balance in the process of teaching and learning students. The locus of the work is the course of the Letters of the CAP/ UERN and the subjects are the students who started the course in face-to-face teaching and migrated to emergency remote education, which bring reports of experiences on the development of the ERE and on the (dis)equality in access to education. Qualitative, explore and descriptive, the research explores problems around difficulties in access to teaching and learning due to lack of access to technology, suitable environment for study, material and psychological conditions for this. For the generation of the corpus, use up the application of questionnaires in the classes of the 5th and 8th periods of the course of the Letters of the CAP/UERN. And as a theoretical contribution, it takes as a basis the authors Lévy (1996, 1998) addressing reflections on virtuality, reality, and actuality, and its importance; Bacich, Tanzi Neto, Trevisani (2015) in order to understand how technologies act in education in relation to online classes; Temóteo (2021), Coqueiro e Souza (2021), Silva (2020), Souza (2020) and Feitosa et al (2020) understand how the process of implementation of the ERE took place, and how it affected the development of the university. The data obtained show that the ERE consists of some gaps. The student's problems such as the scarcity of technological equipment and the lack of an appropriate environment for the study were obstacles that corroborated the (dis)equality in teaching and learning, in addition to the distancing around the student-teacher relationship.

**Keywords:** emergency remote education; (dis)equality; technological means; teaching format; teaching and learning.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRANET	Associação Brasileira de Internet
CAP	Campus Avançado de Patu
CNE	Conselho Nacional de Educação
EaD	Ensino à Distância
ER	Ensino Remoto
ERE	Ensino Remoto Emergencial
EP	Ensino Presencial
GELIN	Grupo de Pesquisa em Ensino, Literatura e Linguagem
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LAPLI	Laboratório de Pesquisa em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LFB	Legislação Federal Brasileira
OMS	Organização Mundial da Saúde
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
Q1	Questionário um
Q2	Questionário dois
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>11</b>
<b>2 A PANDEMIA DA COVID-19 E A MUDANÇA NO FORMATO DE ENSINO.....</b>	<b>17</b>
2.1 Situando o deslocamento entre os Lugares, Não-lugares ou Entrelugares	17
2.2 Ensino Remoto Emergencial (ERE), Ensino à Distância (EaD) e Ensino Presencial (EP) .....	19
2.3 A COVID-19 e os decretos estaduais.....	23
2.3.1 As Diretrizes/Decretos estaduais para a educação em tempos pandêmicos ...	25
2.4 O ensino remoto no curso de Letras CAP/UERN .....	26
<b>3 ANALISANDO O ACESSO A MEIOS TECNOLÓGICOS E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DE LETRAS DO CAP/UERN .....</b>	<b>29</b>
3.1 Os múltiplos ambientes educacionais e o processo de adaptação: o deslocamento do ambiente universitário aos não-lugares .....	29
3.2 O desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos alunos no formato de ensino remoto.....	34
3.3 O que significa ir à universidade de forma presencial.....	39
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>48</b>
<b>APÊNDICE A – Questionário em relação ao Ensino Remoto Emergencial (ERE) .....</b>	<b>51</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pandemia da COVID-19 chegou e nos levou para uma realidade totalmente atípica, à um mundo totalmente invertido, onde tudo era desenvolvido em casa, trabalhos, shows, estudo etc. Portanto, o lar foi um grande aliado nesse tempo já que era imprescindível para tais feitos. Durante esse período, o mundo enfrentava tempos nebulosos que, com a chegada do novo coronavírus, se agravaram ainda mais. A crise sanitária e, em outros aspectos, sociais, cada vez mais aumentava com o passar dos dias. Na educação não foi diferente, o ensino sofreu grandes impactos e desafios, pontos discutidos ao longo da construção do trabalho. Isto porque, visto o estado de calamidade pública, a população mostrou-se suscetível a diversas vulnerabilidades, por meio do contágio do vírus da COVID-19, que impossibilitou o funcionamento de quase toda sociedade. Essas vulnerabilidades, apresentam-se de diversas forma e em partes distintas da sociedade.

A educação foi uma área gravemente afetada, essas fragilidades podem ser observadas a partir das vivências como aluno, quando abordamos o fato de que muitos jovens não tiveram acesso a uma formação adequada durante a pandemia, justamente por não portarem de instrumentos essenciais para desenvolverem seus estudos, deixando clara a desigualdade social existente no país. Além disso, outras fragilidades desenvolvidas durante o novo formato de ensino, tais como ansiedade, medo, alterações no sono etc.

Vale salientar que, com a criação do Ensino Remoto (ER) novos desafios precisaram ser enfrentados. Há profissionais que encarem o ensino remoto como uma transformação para a educação nacional, levando em consideração a modernidade líquida, que segundo Bauman (2001) seria a liquidez referente ao mundo globalizado, onde tudo se adequa aos meios. Dessa forma, o nosso trabalho dialoga em torno dos seguintes questionamentos: Como se deu a acessibilidade dos alunos do curso de Letras do CAP/UERN aos meios tecnológicos que possibilitassem o acompanhamento das aulas? E a partir disso, quais as condições de ensino e aprendizagem dos alunos durante o formato remoto e os seus impactos no processo de aprendizagem? Estas questões foram formuladas porque mesmo com o Ensino Remoto Emergencial (ERE), os esforços ainda não eram suficientes para suprir as necessidades, pois o formato de ensino criado não englobava toda a classe estudantil, pois esse novo formato de

ensino. Este, carecia de equipamentos tecnológicos que muitos estudantes não possuíam.

Nesse sentido, para que possamos entender como o ER se construiu e se manteve até o final do ano de 2021 discorreremos por meio desta pesquisa como se deu o ensino e quais as dificuldades que esse novo formato trouxe consigo, posto que após paralização das atividades presenciais, a educação necessitou de novo formato de ensino, tendo que refazer todo um planejamento que era seguido. Em outras palavras, o sistema educacional teve que elaborar um novo cronograma, conteúdo e metodologia de ensino que pudesse ser seguido em um contexto pandêmico.

O ER foi por aproximadamente dois anos a solução para que uma grande parte da educação brasileira se mantivesse caminhando, para que os alunos pudessem assistir as aulas e acompanhar suas tarefas. Além da tentativa de solucionar alguns problemas, o formato remoto trouxe consigo diversos outros contratempos: obstáculos tanto físicos quanto psicológicos passaram a ser mais frequentes em meio aos estudantes.

Com efeito, a sociedade brasileira ainda vive com uma escassez de recursos tecnológicos, e tais meios são de imensa relevância para o ensino no novo formato. Os mecanismos necessários são: internet, aparelhos como smartphones, computadores, além de uma estrutura física para que os alunos pudessem acompanhar as aulas sem imprevistos e ou qualquer interferência. A não portabilidade de instrumentos como esses fez que com uma grande parte dos alunos tivessem dificuldade em acompanhar as aulas *on-line*, assim como Bacich, Tanzi Neto, Trevisani (2015) afirmam:

Outros críticos também afirmam que o modelo é bastante dependente da tecnologia, o que pode criar um ambiente de aprendizagem desigual. Um aluno que acessa a informação de sua casa e dispõe de recursos tecnológicos estará em vantagem com relação àquele que não dispõe desses recursos. (BACICH, TANZI NETO, TREVISANI, 2015, p. 25)

O ensino remoto, embora tenha sido criado para resolver problemas que estavam surgindo com o fechamento das escolas, trouxe consigo demandas, tais como: Acesso à tecnologia digital, ambiente propício a estudos fora das escolas e universidades, aulas em tela, condições socioeconômicas para aquisição de equipamento, letramento digital. Ao mesmo tempo, explicitou o acesso desigual à educação. Essa problemática é aqui pensada no âmbito do curso de Letras Língua

Portuguesa e respectivas Literaturas, do Camus Avançado de Patu, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CAP/UERN).

O *campus* conta atualmente com quatro cursos presenciais, e de acordo com o site oficial do CAP/UERN, possui cerca de 636 alunos distribuídos nos cursos de Matemática (135), Ciências Contábeis (170), Pedagogia (158) e Letras (173). Além de dispor também de Polo de Ensino à Distância (EaD). Os cursos são ofertados nos turnos matutino e noturno, sendo o curso de Letras pela manhã, e o demais cursos funcionam a noite. O curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas do CAP/UERN foi aprovado no dia 19 de outubro de 2011, através da resolução nº 37/2011-CONSEPE com previsão de início para o segundo semestre letivo de 2012.

O CAP/UERN, em sua área de abrangência beneficia alunos provenientes de 32 municípios, pois além de Patu, favorece mais 25 municípios no Rio Grande do Norte: Água Nova, Alexandria, Almino Afonso, Antônio Martins, Caraúbas, Francisco Dantas, Frutuoso Gomes, Janduís, João Dias, José da Penha, Lucrecia, Marcelino Vieira, Martins, Messias Targino, Olho D'água do Borges, Pau dos Ferros, Pilões, Rafael Fernandes, Rafael Godeiro, Riacho de Santana, São Miguel, Serrinha dos Pintos, Severiano Melo, Tenente Ananias e Umarizal, e 6 municípios na Paraíba: Belém do Brejo do Cruz, Bom Sucesso, Brejo do Cruz, Brejo dos Santos, Catolé do Rocha e Riacho dos Cavalos.

Pensando nisso, com o objetivo de formar o *corpus* do trabalho, esta pesquisa se dá em torno de uma perspectiva qualitativa exploratória e descritiva. Com isso, a pesquisa qualitativa segundo Gunther (2006) é caracterizada pela sua flexibilidade e adaptabilidade. Os passos são: delineamento, coleta de dados, transcrição e preparação deles para sua análise específica; podendo mudar de acordo com as necessidades que o trabalho ou o pesquisador buscam ao longo da investigação. Dessa forma, a pesquisa exploratória para Leão (2017) tem como objetivo familiarizar-se com o que está sendo estudado afim de formular melhor o problema a ser investigado, e também clarificar conceitos de acordo com Marconi e Lakatos (2017). A pesquisa descritiva, como o próprio nome nos diz, busca descrever algo sobre determinado problema, segundo Vergara (2000), a pesquisa descritiva expõe as características de determinado fenômeno, problema estabelecendo correlações entre variáveis e define sua natureza.

Dessa forma, para que possamos entender melhor a pesquisa qualitativa, Denzin e Lincoln (2006) nos diz que, ela é uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Isto é, consiste em um conjunto de práticas e matérias que tornam o mundo visível. A partir dos dados produzidos por meio de questionários aplicados nas turmas do 5º e 8º período do curso de Letras, gerou-se o *corpus* da pesquisa. Soma-se um total de 35 termos de compromissos assinados pelos estudantes das respectivas turmas, o que nos dá total liberdade para utilização das respostas do questionário, atentando-se para o anonimato daqueles que o responderam. Após à aplicação conta-se com um total de 30 respostas ao questionário disponibilizado aos estudantes por meio do *Google Forms*. Durante a análise dos dados, optamos por utilizar códigos alfabéticos, com o intuito de preservar o anonimato dos estudantes; assim, para que possamos distinguir os questionários e as turmas durante a análise, usaremos Questionário 1 (Q1) referente a turma do 8º período e Questionário 2 (Q2) relacionado a turma do 5º período.

A pesquisa está tecida a partir do seguinte objetivo geral: analisar o acesso ao processo de aprendizagem dos acadêmicos de Letras do CAP/UERN fora do espaço universitário durante o ensino remoto e seu impacto no desenvolvimento acadêmico do estudante de Letras do CAP/UERN. E, dessa forma, os objetivos específicos busca verificar as dificuldades de acessibilidade que os estudantes enfrentaram durante a introdução do formato remoto e seu impacto no processo de aprendizagem; discutir das diretrizes estaduais em torno do ensino remoto e refletir acerca das metodologias desenvolvidas para facilitar o processo de aprendizagem dos discentes do curso de Letras; abordar as desigualdades existentes no acesso à tecnologia em meio ao novo formato do ensino.

Considerando que o principal objetivo desse trabalho monográfico é estudar o ERE e as (des)igualdades que nele existem no acesso ao ensino e aprendizagem por meio da tecnologia, tomamos como base teórica pressupostos do teórico francês Pierre Lévy (1996), (1998), no que toca ao ambiente virtual e as relações existentes entre a virtualidade, realidade e atualidade, cujo intuito é entender as ligações e efeitos do ensino e aprendizagem ocorrendo em espaço virtual por meio do Ensino Remoto Emergencial (ERE). Ainda, com o intuito de entender o uso da tecnologia no ensino, valemo-nos de Bacich, Tanzi Neto, Trevisani (2015) que trazem a ideia de como os meios tecnológicos atuam e podem atuar na educação em relação as aulas *onlines*. Autores como Temóteo (2021), Coqueiro e Souza (2021), Silva (2020), Souza (2020)

e Feitosa et al (2020) ajudam-nos na discussão sobre o ERE e como esse formato afetou o ensino aprendizagem dos estudantes. Com base em STEIGLEDER et. al., [2021], Silva apud Macedo (2006), Macedo (2006), Certeau (1998), dentre outros, discutimos os deslocamentos, ou seja, os tempos-espacos – múltiplos ambientes – em que ocorreu o ERE.

Embora o Ensino Remoto Emergencial (ERE) tenha sido um assunto muito estudado nos últimos anos; pudemos perceber que muito já se tem escrito, porém não encontramos trabalhos voltados totalmente para a ideia central desse trabalho acadêmico, que gira em torno da dificuldade/desigualdade ao acesso às tecnologias necessárias para o acompanhamento das aulas no formato de ensino remoto e o seu impacto no processo de aprendizagem dos estudantes. Muitos artigos e trabalhos encontrados e lidos falam do ensino em meio ao ERE, suas características, mudanças docentes, orientações, desafios enfrentados, a tecnologia e a pandemia etc. Alguns trabalhos podem ser citados, como por exemplo “Processo de ensino e aprendizagem no contexto das aulas e atividades remotas no Ensino Superior em tempo da pandemia Covid-19” de Ferreira, Branchi e Sugahara (2020). “Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia” de Moreira, Henriques e Barros (2020).

Este trabalho será articulado em três capítulos, onde o primeiro é destinado a ser introdutório, situando o leitor a entender qual o objetivo do trabalho e como a pesquisa foi desenvolvida. O segundo capítulo situa os deslocamentos entre os espaços-tempos durante o período pandêmico; além disso, aborda discussões acerca das diferenças existentes entre os formatos de ensino. Ainda no mesmo capítulo, trataremos do vírus resultante da COVID-19 e, a partir disso, das diretrizes estaduais referentes à educação durante o período pandêmico. Após isso, apresentamos o curso de Letra do CAP/UERN, suas características, seus espaços e consequentemente seus estudantes. No terceiro capítulo, analisamos os espaços educacionais existentes durante a pandemia; com isso, também colocamos em análise as (des)igualdades resultantes desses múltiplos ambientes partilhados pelos estudantes ao longo do formato remoto. Em seguida, com base em dados colhidos a partir dos questionários aplicados aos universitários, discorreremos em torno dos ensinamentos e aprendizagens dos estudantes ao longo do período remoto. E por fim, abordamos a importância da universidade enquanto formato presencial; pois embora haja muitas desigualdades sociais em meio a sociedade, é visível que os estudantes



têm os mesmos direitos e partilham das mesmas condições de aprendizagem no ambiente universitário, coisa que não acontece quando nos referimos ao Ensino Remoto Emergencial (ERE).

## **2 A PANDEMIA DA COVID-19 E A MUDANÇA NO FORMATO DE ENSINO**

Esse capítulo será dividido em quatro seções distintas; em um primeiro momento buscamos situar os deslocamentos entre os espaços-tempos. Seguimos falando sobre os formatos de ensino: Ensino Remoto Emergencial (ERE), o Ensino à Distância (EaD) e o Ensino Presencial (EP). Terá como objetivo apontar as características e diferenças em relação ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos em diferentes formatos de ensino. Na terceira seção trazemos algumas definições sobre a COVID-19, suas causas e consequências, também abordamos algumas diretrizes estaduais acerca do ensino remoto em meio a pandemia. E, por fim, uma seção com o objetivo de apresentar o curso de Letras do CAP/UERN, *lócus* da pesquisa. E, para que entendamos como o ERE foi desenvolvido e implementado, tratamos das teorias do currículo, pois, o currículo independente do formato de ensino, o currículo é atravessado por desigualdades, nesse sentido Silva (2000), ressalta que as teorias críticas curriculares defendem uma concepção de sociedade no singular, isto é, onde apenas algumas classes sociais são entrelaçadas pelo currículo. No que toca ao ensino emergencial que requer o uso do digital, apenas aquelas pessoas que possuem acesso à tecnologia são realmente inseridas no formato remoto.

Considerando um viés pós-crítico onde sujeito é produzido na experiência, a produção de sentido no que toca ao acesso e uso da tecnologia muito nos diz sobre o sujeito aluno que precisa acessar o ensino e desenvolver sua aprendizagem no formato remoto. Nesse sentido, consideramos os múltiplos ambientes em que os estudantes estavam inseridos durante esse período. Reiteramos que, o objetivo em questão não é criticar o formato remoto, mas sim buscar entender como se deu o acesso ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos em meio ao mundo virtual, e entender o que foi construído e desconstruído a partir na introdução do Ensino Remoto Emergencial (ERE). Isto porque múltiplos ambientes físicos e virtuais fizeram parte da cena do ensino.

### **2.1 Situando o deslocamento entre os Lugares, Não-lugares ou Entrelugares**

Os espaços-tempos que foram criados e ressignificados durante a pandemia da COVID-19 foram muitos. As diversas realidades existentes entre os formatos de ensino; e principalmente diante do ERE foi e ainda é uma pauta a ser discutida. Cabe

aqui então, uma discussão em torno do currículo buscando entender um pouco desses espaços-tempos existentes nele, e entre esses lugares e não-lugares que a educação trilhou durante esse período pandêmico.

Dessa forma, é importante trazer aqui o currículo e sua importância, para que possamos entender esses deslocamentos entre esses diversos lugares. De acordo com Silva (1999) apud Macedo (2006), o currículo poderia ser entendido como algo que:

[...] tanto expressa as visões e os significados do projeto dominante quanto ajuda a reforçá-las, a dar-lhes legitimidade e autoridade, [...] tanto expressa essas visões e significados quanto contribui para formar as identidades sociais que lhes são convenientes (SILVA 1999, apud MACEDO 2006, p. 03)

Nesse sentido, podemos entender por currículo como uma construção social onde existem diferentes espaços-tempos; e que esses espaços-tempos são preenchidos com relações entre pessoas distintas interagindo entre si. Assim, essa interação – que de certa forma é cultural – acontece em um lugar, a saber, a escola, ou em qualquer outra instituição educativa. Ainda, de acordo com Macedo (2006), “a função performática da educação e do currículo está em criar lugares-tempo híbridos de sentido.” (MACEDO, 2006, p. 10). Desta maneira, o currículo deve ser pensado e entendido como um espaço-tempo cultural, com o intuito de que todas as culturas sejam englobadas e tratadas igualmente, e que não seja pensando apenas como algo singular.

Então, o espaço-tempo lugar de acordo com Certeau (1998) seria, “[...] uma configuração instantânea de posições. Implica uma relação de estabilidade” (1998, p. 201); ou seja, seria efetivamente um lugar físico, planejado e construído. Nesse viés, os não-lugares seriam espaços nos quais se inscrevem, de forma provisória e fugidia (AUGÉ, 1994). Dessarte, podemos entender então que, o ERE foi um espaço-tempo caracterizado como um não-lugar, e que esse não-lugar trazia consigo diversos entrelugares; isso no sentido de que há inúmeras realidades vividas em diversos espaços-tempo pelos estudantes.

Com a chegada da pandemia e a quarentena inerente que instaurou no país um novo modo de viver, influenciou várias áreas da sociedade. O descolamento que antes era feito pelos estudantes, um percurso que era realizado entre sua residência e universidade ou entre cidades (STEIGLEDER et. al., [2021]); passou a ser um

deslocamento atípico, entre formatos de ensino, uma mudança para lugares que não eram conhecidos, ou não tão utilizados por aqueles que estavam usufruindo do EP.

O descolamento, ou o ato migratório desse lugar (EP) para os não-lugares (ERE) trouxe consigo diversos desafios, que estão pontuados ao longo deste trabalho. Marc Augé, nos faz entender um pouco sobre esse deslocamento ao dizer que:

[...] a sobremodernidade se caracteriza por fazer coexistir realidades distintas a partir da planetarização [...] permitem o deslocamento físico a grandes distâncias [...], ou ainda a partir das tecnologias de comunicação que interconectaram todos os pontos do globo e alteraram nossa percepção tanto de tempo quanto de dimensão da Terra. (AUGÉ, 1994)

Segundo o autor, a tecnologia nos permite perpassar por diversos espaços-tempos. Esse deslocamento foi refletido durante a pandemia da COVID-19, quando passamos de um lugar físico, para um espaço virtual que era caracterizado por ser composto por diversos não-lugares e inúmeras incertezas em relação ao ensino e aprendizagem. Embora a tecnologia nos dê a liberdade e permita esses deslocamentos entre espaços-tempos, ela é caracterizada também por permitir o afastamento esse entre os indivíduos. O mundo virtual faz com que pessoas que estão longe fiquem próximas, e pessoas que estão próximas fiquem distantes. Mas, embora isso aconteça, como Lévy (1996) nos sugere, devemos parar de diabolizar o virtual, e tentarmos entendê-lo como um espaço cultural, de grande poder para a educação.

## **2.2 Ensino Remoto Emergencial (ERE), Ensino à Distância (EaD) e Ensino Presencial (EP)**

Com a pandemia da COVID-19, foi necessário o fechamento de todos os espaços públicos e privados durante em média dois anos. Em âmbito educacional não foi diferente; as instituições responsáveis pela educação foram imediatamente fechadas e, com isso, foi necessário o desenvolvimento de um novo calendário escolar, haja vista, a necessidade e importância que a educação exerce em meio a sociedade. O Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi algo que possibilitou durante os anos de quarentena, o acesso às aulas, porém, embora o ensino por meio da tecnologia digital seja algo que venha sendo estudado há alguns anos, o processo de adaptação enfrentado pelos que formam na universidade foi bastante difícil.

Assim, torna-se importante ressaltar que o ERE foi desenvolvido e implementado durante um período específico para suprir as necessidades do momento em questão. Para Silva (2020) o ERE corresponde a uma mudança repentina de ambientes em um momento de crise. Com isso, o autor nos diz que o novo formato de ensino foi criado como uma estratégia para que a educação não permanecesse parada em meio a pandemia. Mas há alguns “poréns” em meio a essa solução temporária, já que o autor afirma que o formato não é um ecossistema educacional robusto, o que o torna suscetível a diversos contratemplos.

Nesse sentido, podemos afirmar que o ambiente virtual não traz consigo as mesmas qualidades e características que o Ensino Presencial (EP) possibilita para o desenvolvimento do aprendizado do aluno. O Ensino Remoto (ER) foi adotado para que o calendário educacional voltasse a funcionar, mesmo que para isso sofresse algumas alterações. Pierri Lévy (1996) diz:

Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (LÉVY, 1996, p. 5)

De acordo com Pierre Lévy, vivemos em um mundo da abstração, desde a criação da humanidade. Hodiernamente, o mundo virtual vem fazendo parte do contexto estudantil em diferentes aspectos, possibilitando em muitos casos a continuidade de certas atividades que seriam impossíveis de serem desenvolvidas sem a ajuda dele. Assim, “o virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal, ou seja, [...] o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas suas maneiras de ser diferentes” (LÉVY, 1996, p. 5).

Aliado ao virtual, o ERE foi aplicado à educação como forma de dar continuidade as atividades mesmo com a situação de calamidade que a sociedade estava enfrentando. Assim, segundo Feitosa et al (2020), o ensino remoto foi uma possibilidade para as instituições oferecerem as suas aulas sem o contato presencial em época de isolamento social. O ensino remoto conta com aulas síncronas e assíncronas para a realização de suas atividades, as aulas síncronas são aquelas em que há o registro de participação, em tempo real, entre alunos e professores em um determinado ambiente virtual; já as assíncronas, são marcadas por atividades

deixadas pelos professores onde não há possibilidade de interação em tempo real entre os indivíduos.

Dessa forma, para que isso pudesse acontecer, a modalidade de ensino virtual considera o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação para realização de suas atividades síncronas e assíncronas, em algumas plataformas digitais, como por exemplo o Google Meet, e-mail, WhatsApp, Google Classroom e/ou por meio de videoaulas. Embora o ensino e aprendizagem tenham essas tecnologias como aliadas, deve-se reconhecer as dificuldades encaradas por todos que fazem parte da educação, já que, de acordo com Temóteo (2021) “Com a crise decorrente da Covid-19, todos tiveram de passar para o online, e poucas universidades estavam preparadas para essa mudança rápida [...]” (TEMÓTEO, 2021, p. 71).

De acordo com Feitosa *et al* (2020, p.02), “sair de um ensino presencial movido por uma interação física entre público e infraestrutura física disponível e submeter-se ao ensino remoto é um desafio para alunos e professores.”. Ao analisarmos isso, de fato esse pode ser facilmente apontado como um dos principais desafios, além das dificuldades no acesso a tecnologias. O processo de adaptação ao mundo virtual, ao mundo das telas, mostrou uma nova realidade onde seria necessária sua descoberta e aperfeiçoamento, uma vez que, muitos alunos e profissionais da educação não eram conhecedores de tais tecnologias exigidas pelo ensino remoto.

Assim sendo, torna-se importante falarmos sobre a diferença entre o Ensino Remoto Emergencial (ERE) e o Ensino a Distância (EaD), que muitas vezes são comparados e associados como se fossem apenas um. Tratar essas duas formas de ensino como se fossem apenas uma seria um erro, haja visto que, o ensino EaD se encaixa como uma modalidade de ensino, pensado e desenvolvido para ser desenvolvido à distância; já o ERE é tido como um formato de ensino desenvolvido emergencialmente. Para Temóteo (2021) trataria de um equívoco cometido, na maioria das vezes, pelos alunos. Em relação a essas formas distintas, mas que são corriqueiramente tão confundidas, corroborando com tal entendimento, Coqueiro e Souza abordam que:

O ensino remoto emergencial (também denominado de ensino virtual) emergiu com a pandemia da Covid 19 diante da necessidade por alternativas remotas (virtuais) visando o prosseguimento das atividades educacionais. [...] Cabe assim destacar que a educação a distância é uma modalidade que consiste em um processo educativo planejado (não acidental ou emergencial) em que todo desenho didático, todas as atividades e interações ocorrem em um determinado

ambiente virtual de aprendizagem [...]. (COQUEIRO e SOUZA, 2021, p. 02)

Consoante a isso, podemos ver que o ensino EaD é algo que possui um planejamento com ambientes definidos, com metas que devem ser cumpridas e vale salientar que o EaD é parcialmente à distância, ou seja, ele não é totalmente remoto, é necessário apresentar-se ao local que estuda algumas vezes durante o mês ou semestre. De outro modo, o ERE foi algo criado emergencialmente para ser desenvolvido sem nenhum contato físico entre aluno e professor, visto a crise pública que a sociedade estava passando.

É de referir que utilizar tecnologia como meio de ensino-aprendizagem hoje é visto com um olhar receptivo por alguns profissionais, haja vista, o mundo tecnológico que vivemos hoje; ela tem a capacidade de nos despertar, desenvolver, na forma de pensamos agimos e sentimos, e esses pontos são alguns dos principais objetivos da educação. Porém, mesmo em meio a um mundo mergulhado em tecnologia, infelizmente existem pessoas que não disponibilizam dela. O ERE foi uma solução temporária, totalmente dependente de meios tecnológicos. Dessa forma, quem tem acesso a esses meios, tem acesso ao processo de aprendizagem. E, quem não possui o acesso a equipamentos tecnológicos fica sem acesso ao ensino.

Nessa perspectiva, o ERE traz à cena uma questão social que sempre esteve presente; a democratização do acesso à tecnologia. O que não acontece em um ambiente presencial, onde os estudantes disponibilizam de todos os equipamentos presentes naquele ambiente difere do ambiente requerido para o ensino remoto. Assim sendo, pode-se dizer que uma das principais diferenças entre o ERE e o EP é justamente o processo de aprendizagem dos estudantes, que pode ocorrer de forma desigual, já que alguns alunos não disponibilizarem de equipamentos necessários para o acompanhamento das aulas; além de outros aspectos importantes para o crescimento crítico dos alunos, como o diálogo e a interação em um ambiente social.

Dessarte, não se pode negar que o ERE exerceu uma função indispensável e de grande importância durante a pandemia da COVID-19, mas é um formato que precisa de algumas melhoramentos e atualizações. Por atualização Lévy (1996) nos diz que seria efetivamente a inteira invenção de uma forma eficiente, com qualidades novas, transformação de ideias, um verdadeiro devir. Bacich, Tanzi Neto, Trevisani, (2015) abordam que a tecnologia traz consigo a interação e integração em todos os

espaços e tempos; porém, para que isso aconteça é preciso que ela seja disponibilizada para todos.

### **2.3 A COVID-19 e os decretos estaduais**

Ao longo dos séculos, é notório diversos eventos catastróficos que atingiram a sociedade. Se olharmos um pouco em volta do século XX, podemos observar que a gripe espanhola foi uma pandemia, responsável por cerca de 50 milhões de mortes ao redor do mundo. No século XXI não é diferente; atualmente vivemos em um novo momento histórico, onde a pandemia da COVID-19 fez milhares de vítimas ao redor do mundo. Embora o vírus já esteja sendo controlado e já exista vacinas contra ele, ainda está presente na sociedade, e se as medidas de segurança não forem seguidas, existem grandes probabilidades do coronavírus voltar a assolar a população. Mas, antes de tudo, devemos entender realmente como a doença como combatê-la e quais os riscos.

Há inúmeras possibilidades de como vírus teria surgido. De acordo com relatório emitido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), disponibilizado no site oficial da organização, o vírus teria sido transmitido por um morcego para um mamífero e assim diretamente para o ser humano, ou aponta-se também que a transmissão teria sido diretamente entre morcego e homem. Iniciou-se como uma epidemia local na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019, mas rapidamente se espalhou por todo o mundo, e logo transformou-se em uma pandemia.

No Brasil, o primeiro caso registrado foi no dia 26 de fevereiro de 2020, com os altos níveis de transmissão que o vírus carrega, cerca de um mês depois da notificação dos primeiros casos é decretado a paralização das atividades em território nacional. No dia 20 de março de 2020 é assinado Decreto Legislativo N° 6 de 2020, que reconhece, para os fins do art. 65 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do estado de calamidade pública, nos termos da solicitação do Presidente da República encaminhada por meio da Mensagem nº 93, de 18 de março de 2020, informações obtidas por meio do site oficial da Legislação Federal Brasileira (LFB).

Um dos grandes problemas que esse vírus carrega consigo é o alto grau de contágio, além de causar problemas respiratórios e outras tantas sequelas. Inicialmente a única solução imediata para conter o número que casos que estavam



surgindo séria o isolamento social, já que o contato humano seria um dos principais responsáveis pela transmissão. Em virtude disso, de acordo com a LEI N° 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, no domínio do Art. 3° deixa evidente que: “Para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional de que trata esta Lei, as autoridades poderão adotar, no âmbito de suas competências, entre outras, as seguintes medidas: Isolamento; quarentena; determinação de realização compulsória de (exames médicos; testes laboratoriais; coleta de amostras clínicas; vacinação e outras medidas profiláticas; ou tratamentos médicos específicos); uso obrigatório de máscaras de proteção individual; estudo ou investigação epidemiológica; exumação, necropsia, cremação e manejo de cadáver; entre outros feitos. Essas medidas foram adotadas com o intuito de conter os avanços do vírus.

O que a princípio seria uma paralização de 15 dias, passou a ser adiada constantemente em decorrência dos números de casos que só aumentavam com o passar do tempo. À medida que os números de casos aumentavam, e conseqüentemente os hospitais se sobrecarregavam, o isolamento social era mantido e prolongado. Tudo estava parado, apenas alguns serviços de primeira necessidade estavam funcionando como por exemplo supermercados, farmácias, hospitais. A quarentena permaneceu vigente no Brasil por aproximadamente dois anos. Foi durante esse período que a educação implementou o ERE, como formato de ensino para o desenvolvimento de aulas ao longo desse período. Com atividades desenvolvidas 100% remotas, os alunos acompanhavam de casa tudo que antes era realizado de forma presencial, seja aulas, eventos, palestras, projetos etc.

Pensando na saúde populacional, a vacina contra a COVID-19 foi produzida rapidamente as primeiras doses nacionais foram fornecidas pelo Instituto Butantan. Embora tenham sido produzidas, as vacinas não possuíam 100% de eficácia, isso implica não impossibilitava o vírus de hospedar-se no ser humano, mas aliviava os sintomas das pessoas que contraíssem. Então, mesmo com as vacinas, as medidas de segurança ainda eram necessárias para conter o coronavírus, já que os hospitais e centros de atendimento não tinham condições para suprirem as necessidades dos pacientes que estavam necessitando de cuidados médicos, justamente por estarem lotados de pacientes.

Diante disso, é importante que seja dada a atenção necessária as vulnerabilidades que as pessoas em um aspecto geral apresentam durante a pandemia da COVID-19, desde as vulnerabilidades em relação ao próprio vírus até às

fragilidades causadas pelo isolamento social e a sobrecarga de atividades. Durante esse momento, tudo passou por um período de adaptação desde a rotina de trabalho à de estudo, as quais passaram a ser realizadas de forma remota, o que implicou em adaptação no ambiente domiciliar. Sem nenhum tipo de contato social, algumas pessoas desenvolveram ao longo desse momento, diversos problemas tanto físicos quanto psicológicos. Esses problemas serão mais bem descritos e discutidos no próximo capítulo, tendo como base as respostas dos questionários que foram aplicados aos alunos. Nesse sentido, passar de um ambiente presencial de relações sociais próximas para uma realidade virtual, podem afetar significativamente o processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

### 2.3.1 As Diretrizes/Decretos estaduais para a educação em tempos pandêmicos

Em meio a conjuntura em que o país se encontrava, o Conselho Nacional de Educação (CNE) tem como principal objetivo orientar todas as instituições responsáveis pela educação em períodos de calamidade, como os últimos dois anos (2020-2021). Para isso, algumas diretrizes foram estabelecidas, desde o ensino infantil ao ensino superior. Em relação ao ensino superior, o CNE sugeriu que, para a continuidade das atividades de ensino aprendido nesse nível de ensino, as instituições pudessem disponibilizar atividades não presenciais. Dessa forma, as aulas presenciais foram suspensas, pois era preciso de um planejamento de como retornar as aulas forma virtual, uma vez que, o ensino remoto era algo novo e desconhecido que precisava ser avaliado. O CNE recomendou que não só essas instituições, mas todo o ensino nacional fosse disponibilizado de forma on-line, com todo planejamento estudantil voltado para o novo formato de ensino.

A medida em que a pandemia avançava novas diretrizes e decretos precisavam ser seguidos e criados, amparados pela LEI N° 13.979, de 6 de fevereiro de 2020 citada no tópico anterior, tinha como principal objetivo, a contenção social, a prevenção e proteção da população. Pesando nisso, na educação decretos como o N° 29.524 de 17 de março de 2020 foi criando, suspendendo as aulas, prezando o bem-estar daqueles que fazer parte da educação, esses decretos suspendiam também qualquer atividade que envolve aglomerações. Com o passar dos dias e avanços do vírus novos decretos estendendo os prazos de suspensões eram elaborados, tais como o Decreto N° 29.634 de 22 de abril de 2020. Embora medidas

tenham sido tomadas, muitas pessoas não obedeciam ao isolamento e algumas vezes ignoravam totalmente a existência da pandemia. O resultado desse descumprimento foi visto no avanço da pandemia, ao longo dos decretos que precisavam ser criados com o intuito de conter a população em casa.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº. 9.394/1996 (BRASIL, 1996) é dever do professor desenvolver métodos para que o estudante possa acompanhar as atividades que serão disponibilizadas em sala de aula, assim como orientar os alunos acerca dos meios midiáticos que serão utilizados. Levando em consideração a situação de calamidade pública, os meios midiáticos tornam-se cada vez mais necessários. Mas, para que o formato remoto fosse desenvolvido, o professor precisou de algumas preparações necessárias para poder lidar com o sistema remoto, uma vez que, estava entrando em um mundo virtual, um ambiente que antes não era utilizado por ele, e que no período em questão foi a única saída para substituir o ensino presencial.

#### **2.4 O ensino remoto no curso de Letras CAP/UERN**

A pesquisa em questão tem como lócus o curso de letras, do *Campus* Avançado de Patu, localizado em uma cidade do interior do Rio Grande do Norte com aproximadamente 13mil habitantes, segundo dados do Patu Cidade Linda, site oficial do governo local. A instituição fica cerca de 120KM de distância do *Campus* Central, situado na cidade de Mossoró. O curso de Licenciatura em Letras Língua Português e Respectivas Literaturas é o único curso do campus funcionando no turno matutino, acompanhado de outros três cursos que são ofertados durante à noite.

A criação do *campus* foi pensada no início do ano de 1980, através da portaria N° 080/80, e no final do ano, em 04 de setembro de 1980 é fundado o *Campus* por meio do decreto 176/80. No ano seguinte, 1981, é realizado o primeiro vestibular destinado à 03 cursos, Ciências com Habilitação em Matemática, Ciências Contábeis e Pedagogia. Antes de possuir um espaço próprio, o CAP passou por diversas instituições de ensino básico, escolas como Francisco Francelino de Moura, da Rede Municipal de Ensino; Escola Municipal Raimundo Rocha; e por fim a escola de Rede Estadual de Ensino, a Escola Estadual Dr. Xavier Fernandes, local onde fixou-se. Durante esse período de peregrinação até instalar-se em um local fixo, o *Campus*

passou por diversas dificuldades, justamente por não disponibilizar de um ambiente propício para realização de suas atividades.

O curso de Letras instaurado em 2011, atualmente com exatos 11 anos de atuação, possui uma grande importância não só para o *Campus*, mas também para toda comunidade, onde atua em eventos locais como Feira da Cultura do município de Patu, festa da poesia, semana pedagógica do município de Patu. Além das atividades de ensino, outras tantas são realizados, a saber, “minicursos, palestras, eventos acadêmicos, organizar e publicar livros com alunos envolvidos no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), dentre outros.” (PPC, 2018). Exercícios que buscam o desenvolvimento da identidade docente dos seus estudantes, essa identidade é entendida aqui como um processo contínuo de construção social de um sujeito historicamente situado (IZA et. al. 2014). Dessa forma, podemos perceber a importância que as atividades realizadas pelo curso possibilitam para a construção do aluno enquanto professor. Também, conta com o desenvolvimento de projetos de extensão e pesquisas; grupo de pesquisa em Ensino, Literatura e Linguagem (GELIN), Laboratório de Pesquisa em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (LAPLI) e pesquisa no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), dentre outros.

O curso tem capacidade máxima de 50 alunos por turma. Atualmente conta com cinco turmas em exercício no *Campus*. Com base no Projeto Pedagógico do Curso de Letras: Língua Portuguesa (PPC), o curso tem como principal objetivo:

[...] promover a formação de professores para o Ensino de Língua Portuguesa e respectivas literaturas, que busquem compreender a relação entre a linguagem e a sociedade na construção de ações pedagógicas que possibilitem fomentar a construção do conhecimento e a inclusão social, articulando reflexões teóricas práticas sobre a linguagem e suas tecnologias, levando em consideração a necessidade de formação continuada, instaurando-se uma relação de autonomia, transformação e continuidade de expressão portuguesa, na Educação Básica. (PPC, 2018, p. 19)

Para o curso, é importante a participação ativa da comunidade acadêmica além dos muros da universidade, prezando a formação do professor e a construção de sua identidade docente. Onde deve tecer relações teóricas e práticas durante sua formação.

O curso exige a realização de dois estágios supervisionados na educação básica, realizados no 6º e 7º períodos. O Estágio I é desenvolvido no ensino

fundamental II, do 6º ao 9º anos. Já o Estágio II é submetido no ensino médio, nas turmas de 1º ao 3º anos. Outras atividades complementares são exigidas, como a participação em projetos, pesquisa e extensão. E por fim temos o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que é dividido em dois seminários realizados no 7º e 8º períodos do curso. O trabalho tem como objetivo a avaliação dos alunos quanto suas habilidades e competências fundamentadas durante a realização da graduação.

Durante o período que foi marcado pelo isolamento social, e a utilização do “mundo virtual” como forma de socialização para a realização das aulas, a UERN manteve-se sempre presente na vida acadêmica dos estudantes, buscando subsídios para que os alunos que não dispunham dos equipamentos necessários para o acompanhamento das aulas, pudessem obtê-los. Para isso, foi criado o “Auxílio Digital”, que embora tenha dado assistência e contemplado muitos alunos, não cobriu todos os que necessitavam, descobrindo ainda mais uma (des)igualdade que já estava presente, porém oculta e pouco discutida. Outro ponto importante realizado, foi a disponibilização de avaliações aos alunos, com o objetivo de obter informações sobre o acesso ao ensino remoto. Assim, como também, avaliações em torno dos impactos na saúde física e psicológica que o ER em conjunto com o isolamento social, causaram na vida do aluno. Esses são pontos importantes e que serão apresentados analisados mais a fundo no próximo capítulo, levando em consideração o campo empírico da pesquisa.

Com o intuito de diminuir as desigualdades e fazer com que os alunos continuassem os estudos, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte desenvolveu algumas políticas estudantis para ajudar os estudantes com dificuldades financeiras. Para isso, foi desenvolvido o “Auxílio Digital”, que tinha como principal objetivo ajudar o aluno a adquirir equipamento tecnológico para acesso às plataformas digitais e, por conseguinte, ao ensino e aprendizagem. De acordo com dados dos questionários aplicados, 100% dos alunos estavam cientes da existência do “auxílio digital”, mas cerca de 17% desses alunos foram contemplados, deixando aproximadamente 83% sem o auxílio. O objetivo do auxílio era destinar oportunidade para aquelas pessoas que realmente disponibilizassem de equipamento para acessar às aulas. Essa política foi de grande ajuda para uma parte dos estudantes. Apesar de não cobrir toda classe estudantil que necessitasse, foi a partir desse auxílio que uma parcela dos estudantes pode acompanhar as aulas, durante o formato remoto.

### **3 ANALISANDO O ACESSO A MEIOS TECNOLÓGICOS E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DE LETRAS DO CAP/UERN**

Esse capítulo traz como principal objetivo analisar o acesso ao processo de ensino e aprendizagem considerando os diversos ambientes educacionais em que os estudantes de letras do CAP/UERN estiveram inseridos durante o formato remoto de ensino. Para isso, utilizamos dados construídos a partir de aplicação de questionários em duas turmas distintas do curso Letras Língua Portuguesa do CAP/UERN – 5º e 8º períodos –, levando em consideração a forma que as turmas ingressaram na universidade, a saber, uma turma iniciando a faculdade no Ensino Presencial (EP) e migrando para o Ensino Remoto Emergencial (ERE); e outra iniciando os estudos na instituição por meio do formato remoto e logo em seguida migrando para o Ensino Presencial. E, prezando pela privacidade desses alunos, cujas respostas estarão em análise, optamos por utilizar letras alfabéticas quando formos nos referir algum deles. Em virtude de termos aplicado os questionários em duas turmas diferentes, utilizaremos Q1 e Q2, referentes ao Questionário um do 8º período e Questionário dois referente a turma do 5º período.

O presente capítulo está dividido em três seções nas quais estão discutidos o acesso ao ensino e aprendizagem através de múltiplos ambientes de ensino no contexto da pandemia da covid-19, e por conseguinte, os métodos para ensinar e aprender no novo formato de ensino. Dito isto, consideramos os diversos, níveis de aprendizagem relacionando-os as desigualdades sociais que existem no país. Por fim, discutimos o ensino e aprendizagem acadêmica em sua modalidade presencial de ensino como espaço de democratização.

#### **3.1 Os múltiplos ambientes educacionais e o processo de adaptação: o deslocamento do ambiente universitário aos não-lugares**

O ato migratório é um processo onde pessoas se deslocam de um determinado ambiente ou local para outro; esse deslocamento – já discutido no capítulo anterior – pode acontecer de diversas formas, tanto de um ambiente físico para outro, como de um ambiente físico para o virtual, a migração virtual. Ambos carregam consigo o peso de não ser uma tarefa fácil, pois passarmos para um ambiente desconhecido, diferente do que todos conheciam ou estavam acostumados é muito difícil. A migração do EP para o ERE, para o mundo virtual, exigiu antes de

mais nada, a aceitação de todos que estão presentes e fazem parte da educação. Para Silva (2020) essa mudança pode ser considerada promissora. Mas,

Mudar para um modelo de instrução online facilita a flexibilidade para ensinar e aprender em qualquer lugar, a qualquer hora, mas a velocidade surpreendente com que essa mudança para o ensino online está ocorrendo é sem precedentes. (SILVA, 2020, p. 10)

Aqui o autor destaca as qualidades que o formato *online* pode trazer consigo para a educação, mas se pensarmos na forma como foi implementada acabou que deixando os pontos positivos de lado e dando lugar aos defeitos, que não são poucos. O uso de tecnologia no âmbito educacional sempre foi tido como algo produtivo, mas antes de tudo é necessário um certo preparo para que esse uso aconteça. Além disso, é necessário que professores e alunos estejam cientes das inúmeras possibilidades que se podem servir com o uso das tecnologias digitais (MELO e MAIA, 2019), uma vez que no contexto pandêmico da covid-19, muitos não estavam familiarizados com os meios digitais, tais como acessar *Google Meet*, *Google Classroom* etc., até porque é preciso que eles tenham o letramento digital adequado para tal feito.

A quarentena recorrente da COVID-19 movimentou diversas esferas da sociedade – economia, política, entretenimento, educação etc. – fazendo com que elas migrassem de fato, para o mundo virtual; em relação a essa movimentação, Lévy (1996) diz:

A virtualização atinge mesmo as modalidades de estarem juntas, a construção do “nós”: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual... Embora a digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço desempenhem um papel capital na mutação em curso, trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização. (LÉVY, 1996, p. 02)

Como o autor diz, o virtual nos priva do “nós”, de estarmos em conjunto. Por isso, devemos atentar-nos ao espaço-tempo em que essa virtualização em curso está se opondo a atualidade. Assim como não devermos descartar sua importância para com a sociedade; foi a partir de “aulas virtuais”, durante a pudemos dar continuidade as atividades escolares. Precisamos entender que o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Como Lévy (1996) nos diz, a virtualidade e a atualidade são maneiras distintas de ser

Quando mencionarmos os múltiplos ambientes educacionais, estamos nos referindo aos diversos locais, acessados pelos alunos e professores, para que pudessem acompanhar as aulas *online*. Trata-se de ambientes virtuais que careciam de ambientes físicos adequados, tais como ambiente com iluminação, sonoridade, etc adequadas para que o acesso online não carregasse interferência do ambiente físico. Torna-se importante a aludirmos a esses espaços já que sabemos as inúmeras (des)igualdades sociais, econômicas e culturais quando se trata de sincronizar os estudos com o convívio e os afazeres do cotidiano pessoal e local de cada estudante.

O processo de adaptação a múltiplos ambientes educacionais no período de ensino remoto demandou tempo, e ao longo dessa ação relações afetivas e profissionais foram criadas e ressignificadas. Vale dizer que conciliar o cronograma de estudos com os conflitos em família, por vezes, pode ser enfadonho para um estudante sobrecarregado. Ao indagar os alunos sobre esses múltiplos ambientes, e se eles enxergavam aspectos de desigualdades, destacamos a seguinte resposta do aluno “A”:

Sim, foi bastante notável a desigualdade de acesso entre alunos, uns com locais adequados para assistir as aulas, com computador, com internet e com tempo pra focar exclusivamente nas aulas, enquanto outros não possuíam as mesmas condições, às vezes, precisavam trabalhar ou cuidar da casa durante as aulas. (Aluno A, Q2)

O aluno em tela afirma não apenas a falta de acesso a meios tecnológicos, mas também as condições do ambiente presencial – local do qual se acessa o ambiente *online* – que afetam diretamente no processo de ensino e aprendizagem. Mas, o posicionamento de um outro, o aluno “B”, que faz parte da turma que passou do ensino presencial para o ERE, difere do aluno anterior ao dizer: “Acredito que a única desigualdade é com relação a proximidade com o professor, com os colegas que é algo importante no processo de ensino e aprendizagem.” (Aluno B, Q1), nesse sentido, não só esse aluno, mas outros, afirmam que a principal desigualdade desses múltiplos ambientes são a falta de interação entre professores e alunos. Dito isto, os sentidos que foram sendo produzidos não ocorrem de forma homogênea. É interessante que atentemos também que, as turmas envolvidas vivenciaram contextos iguais em momentos diferentes de sua formação acadêmica.

E, ao questionar os alunos sobre as metodologias desenvolvidas durante o ERE, obtivemos algumas respostas. O aluno “C” relatou: “Foram métodos



necessários para a continuidade das aulas. Mas o ERE causou muito cansaço físico e visual para aqueles que ficavam muitas horas em frente às telas.” (Aluno C, Q1), já o aluno “D” fala: “Acredito que para algo que veio sem ninguém estar preparado, até que os métodos foram bons. Os professores faziam o que estava em alcance.” (Aluno D, Q2). Com essas falas, podemos identificar que embora o formato remoto tenha sido necessário, e que seus modelos didáticos tenham sido satisfatórios, ele anseia por procedimentos diferentes daquelas que são aplicadas em sala de aula em um formato presencial. Nesse sentido, Santos (2006) nos diz:

Sabemos que mudanças não são simples, em especial, na escola, espaço, por um lado, privilegiado para a inovação e transformação social, mas, por outro lado, com um currículo e metodologias profundamente tradicionais (SANTOS, 2006, p. 04)

Com isso, o autor nos diz que o que interfere no modo como o processo de ensino e aprendizagem se desenvolve não é o ambiente em si, mas formatos de ensino de acordo com os procedimentos didáticos necessários. Assim, podemos perceber que quando há mudanças nos formatos de ensino, o currículo e as metodologias implementadas devem ser modificados para estarem de acordo com o ambiente de modo a prover as necessidades dos estudantes. Devemos encarar esses múltiplos ambientes educacionais não como um obstáculo, mas como espaço de atualização; como Lévy (1996) diz que o virtual é “nó” de tendências ou forças que acompanha uma situação. O deslocamento do ambiente universitário para o formato remoto de ensino deve ser entendido além de uma transferência de conteúdo para um novo formato de ensino (PEREIRA, 2020), mas sim como uma ressignificação da sala de aula, onde os currículos escolares precisam adaptar-se à nova realidade existente. “O problema da semente, por exemplo, é fazer brotar uma árvore.” (LÉVY, 1996, 05), com essa frase, Lévy nos põe a pensar e buscar entender que o que muitas vezes é visto como problema é apenas a transformação, a atualização e “solução” para aquele determinado instante.

Os múltiplos ambientes que se desenvolveram durante a realização das aulas virtuais são inúmeros, e a adaptação a esses não-lugares foi necessária durante o período pandêmico.

No período da pandemia, novas relações afetivas e profissionais foram criadas e ressignificadas, muitas pessoas passaram a trabalhar remotamente; famílias passaram a conviver cotidianamente com vários conflitos; pessoas ficaram afastadas de entes queridos para se

proteger e proteger o outro; muitos continuaram nas suas atividades por serem essenciais, por não terem outra opção para se manter ou mesmo por não acreditarem que o vírus é real. Enfim, é uma nova realidade que se apresenta. (SOUZA, 2020, p. 2)

Nesse sentido, embora as tecnologias estejam presentes no nosso dia a dia, e também já sejam utilizadas medianamente na educação, adaptar-se a um ambiente que é movido completamente por ela não é algo fácil. Encaixar o formato remoto à rotina de uma casa foi também um desafio recorrente para as pessoas que conviviam com inúmeros indivíduos e não possuíam um lugar harmonioso para que pudesse acompanhar as aulas ou então não possuíam os meios tecnológicos necessários para esse acompanhamento. Souza (2020) nos diz que, a infraestrutura das casas de professores e estudantes; as tecnologias utilizadas; o acesso (ou a falta dele) dos estudantes à internet, são alguns dos principais problemas enfrentados durante esse período.

É inegável que nos últimos tempos a tecnologia venha tomando grandes proporções, principalmente na esfera escolar. Moreira (2018), nos diz que essas tecnologias assumem um papel determinante que reconfiguram o ecossistema e o ambiente educacional, e que ignorar esses meios é fechar os olhos para a inovação, transformação e modernização. Assim como a tecnologia, a educação é um órgão vivo presente na sociedade e que deve acompanhar suas evoluções, pensando justamente em seu melhoramento. Lévy (1998), defende inteiramente que o fim da oposição entre homem e máquina seja desfeita, haja visto, os inúmeros benefícios que a junção desses métodos traz para o espaço educacional.

Com a instauração do ERE, novos problemas se desenvolveram, podemos destacar o acesso aos meios tecnológicos que fossem capazes de suprir as necessidades do aluno no novo formato de ensino. Não sendo suficiente a (des)igualdade social, os alunos que não portam os equipamentos adequados para o ERE acabam sofrendo com a (des)igualdade no ensino e aprendizagem, já que não conseguem acompanhar as aulas como deveriam. Embora, de acordo com Moran (2003), a internet traga consigo o interesse dos jovens, pelas novidades e infinitas possibilidades de pesquisas, enquanto ela não for acessível a todos, não poderá ser usada como base para a educação.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dados datados de 2019, cerca de 40 milhões de brasileiros não possuem internet. Isso quer

dizer que, em torno de (20%) da população brasileira não utiliza internet no seu dia a dia. Dentre os motivos apresentados para que os moradores não dispusessem da internet em casa, seriam: (32,9%) não tinham interesse, (26,2%) relataram que se dava por conta de os preços serem elevados e (25,7%) não sabiam utilizar o veículo, essas informações são de acordo com a Associação Brasileira de Internet (ABRANET).

Torna-se importante destacar que, os dados aqui exibidos são de momentos antes da pandemia, portanto, esses números, durante o período pandêmico foram alterados. Nesse sentido, torna-se importante ao solicitar dos pesquisados dados tais como: “Informe sua principal dificuldade (caso haja), para acompanhar as aulas remotas”, e entre respostas estavam que as maiores dificuldades são vinculadas a internet, quer seja por não possuir uma internet de qualidade; quer seja por não disponibilizarem de internet em casa, estando sujeito a redes vizinhas. Também tivemos respostas que se referem a falta de equipamentos tecnológicos, tais como computador, ou problemas com o celular.

### **3.2 O desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos alunos no formato de ensino remoto**

Ao longo da pandemia, foram presenciados e documentados diversos casos acerca da falta de acesso a um ensino de qualidade durante o período que teve como vigência o ensino remoto. Pudemos acompanhar uma matéria apresentada no Fantástico, programa jornalístico da Rede Globo, onde um menino precisou escalar uma árvore para que pudesse acessar a rede *Wi-fi* a fim de ser possível acompanhar a aula. Este é apenas um caso isolado dentre milhares que ocorreram no contexto pandêmico. Casos como esses mostram desigualdade eminente que atinge o nosso país, além de mostrar o descaso da falta de atenção para com os estudantes durante o período pandêmico.

Levando em consideração a ideia de que o ensino e aprendizagem está vinculado as práticas sociais, Goodson (2007) nos fortalece esse pensamento mostrando que:

Ver a aprendizagem como algo ligado à história de vida é entender que ela está situada em um contexto, e que também tem história – tanto em termos de histórias de vida dos indivíduos e histórias e trajetórias das instituições que oferecem oportunidades formais de

aprendizagem como de histórias de comunidades e situações em que a aprendizagem informal se desenvolve. (GOODSON, 2007, p. 250)

Assim sendo, o autor nos faz pensar que a aprendizagem se dá por meio e influencia de um contexto, e que esse ambiente social é uma grande aliada ao ensino, e que a falta desse contato físico tanto com alunos, quanto com professores, e até mesmo com a infraestrutura das instituições tornam o ensino e aprendizagem menos proveitoso. Em respostas ao questionário o aluno “E” disse que uma das maiores dificuldades durante o período remoto foi a interação – ou a falta dele –, pois no presencial é mais fácil dialogar com o aluno; já o aluno “F” destacou que a falta de contato com colegas e professores afetam rigorosamente o ensino e aprendizagem, e a partir desses feitos se criam um ambiente marcado pela (des)igualdade. As dificuldades permeavam desde a falta de acesso aos meios midiáticos, até o processo de adaptação a esse novo formato de ensino, uma vez que, no início das aulas remotas as atividades elaboradas e submetidas aos alunos ainda estavam de acordo com o modo presencial de ensino, sobre isso, Temóteo (2021) retoma que:

As dificuldades que permearam o entorno da prática pedagógica dos professores, no início da pandemia, [...] persistiram no início das aulas, com o desenvolvimento do ensino remoto, que acontecia envolto em um clima de dúvidas e incertezas, visto que tanto os professores quanto os alunos não tinham experiência consolidada com as ferramentas utilizadas. (TEMÓTEO, 2021, p. 79)

Em vista dessa falta de preparo, houve uma sobrecarga tanto para professores quanto para os alunos, sendo que estavam tentando seguir o calendário de um ensino presencial em um ambiente remoto, o que dificultou ainda mais o acompanhamento dessas atividades, visto que o tempo de aula síncrona era menor em comparando com o tempo de aula no espaço físico, embora o restante do tempo fosse compensado com atividades assíncronas. Soma-se a isto, a tentativa de conciliar o ensino remoto com o cotidiano de suas casas. Em muitos casos, em ambientes inapropriados para o estudo.

Os meios tecnológicos sempre estiveram permeando em torno de todos nós, “Não é uma utopia considerar as tecnologias como uma oportunidade de inovação, de integração, inclusão, flexibilização, personalização de percursos de aprendizagem, mas esta realidade exige uma mudança de paradigma.” (MOREIRA, SCHLEMME, 2020, p. 06). Mas, foi somente a partir dos acontecimentos decorrentes da pandemia

que esses artifícios desempenharam, de fato, funções no desenvolvimento da educação. Em relação a esses recursos tecnológicos, Lévy aborda, classificando-os como “um dos principais agentes de transformação das sociedades atuais é a técnica. [...], sob suas diferentes formas, com seus usos diversos, e todas as implicações que elas têm sobre o nosso cotidiano e nossas atividades” (LÉVY, 1996, p. 02).

Em síntese, essas técnicas estão presentes no nosso cotidiano de múltiplas formas, a internet por exemplo, é algo imprescindível na sociedade atual. Sob esse ponto de vista, pôde-se notar a importância que essas meio tecnológicas exerceram durante o período pandêmico e a necessidade de continuar investigando formas de como melhorar o formato de ensino remoto. Partindo do pressuposto de que a educação é uma prática social e as essas técnicas apontadas por Lévy (1996), podemos apontar que ambas podem caminhar juntas para o aprofundamento e melhoramento da socialização no ambiente remoto de ensino.

Podemos observar que o ensino e aprendizagem tem grande impacto de acordo com o ambiente em que está sendo propiciado ao aluno. É inegável que o ensino presencial carrega consigo um ambiente mais robusto, e com uma grande diversidade de saídas para o ensino, já o ERE é um formato temporário e carrega consigo alguns impedimentos – tais como a falta de equipamentos – que podem refletir no processo de aprendizagem dos alunos. Isso talvez se dê por ele ser um formato emergencial, desenvolvido em um período curto. Mas mesmo diante disso, são problemas que devem ser discutidos para que possam ser melhorados, levando em consideração que podemos precisar voltar ao formato remoto a qualquer momento.

A rotina durante a pandemia da COVID-19 influenciou efetivamente na vida acadêmica dos estudantes. Além das vulnerabilidades enfrentadas por conta do coronavírus, que já foram citadas no primeiro capítulo desse trabalho, outros problemas como a adaptações de rotinas, estudos e afazeres diários, eram contratempos frequentes na vida do estudante. Isso fez com que diversos alunos enfrentassem problemas como ansiedade, mudanças na alimentação e no sono. Dentre outros problemas que podem estar vinculados diretamente ao aprendizado e que podem influenciar no senso crítico e identitário do universitário.

Diante dos relatos dos alunos nos questionários, torna-se importante destacar a resposta do aluno “G” que diz ter conseguido adaptar-se as rotinas das aulas e as do dia a dia de sua residência: “Sim, mas na maior parte do tempo sempre estava fazendo

duas coisas ao mesmo tempo, assistindo as aulas e fazendo outros afazeres em casa.” (Aluno G, Q1); e o aluno “H” diz ter conseguido conciliar, mas relata que: “Sim, mas não de maneira produtiva.” (Aluno H, Q2). Relatos como esses nos põe a pensar como os alunos conseguiram apreender tudo aquilo que estava em discussão em sala de aula, sem prejudicar mais à frente o seu desenvolvimento.

De acordo com Libaneo (2004) as metodologias são “o caminho para atingir um fim: [...] são ações do professor pelas quais se organizam as atividades de ensino e dos alunos para atingir objetivos do trabalho docente.”. Desse jeito, podemos observar que as metodologias que foram desenvolvidas durante o ensino remoto foram de grande importância para o ensino e aprendizagem dos estudantes. Assim, é preciso que a universidade e seus atores se atentem para a desigualdade que se matinha durante o período de aulas online. Ao migrar para um ambiente novo, é essencial que se pense quais os impactos que essa mudança traz para a vida dos envolvidos. Nesse caso, para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos estudantes. Em relação a isso, Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015) abordam que “O currículo e a aprendizagem são narrativas que também se constroem ao longo do percurso, em contraposição às narrativas prontas, definidas previamente nos sistemas convencionais de ensino.”. Isto nos fala de um ensino sempre por vir, o que nos faz entender que os métodos de ensino vão se construindo ao longo do período, de acordo com o ambiente que tudo está sendo desenvolvido. Em outras palavras, as metodologias são produzidas mediante as experiências vividas, numa proporção a estar em parceria com as ferramentas de ensino. requeridas por tais experiências.

Até aqui pudemos pensar em Ensino e aprendizagem impactadas pelo uso da tecnologia no âmbito educacional, aumento significativamente durante esse período. Lévy (2000) propõe uma discussão acerca das tecnologias. O autor diz que esses meios digitais possuem grande quantidade de informação, que podem modelar novas formas de pensar e construir conhecimentos, por isso, seu papel deve ser pensado em relação às modificações que causam nas formas de pensar. O que a tecnologia traz hoje é integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e o aprender acontecem em uma interligação simbiótica, profunda e constante entre os chamados mundo físico e digital, (BACICH, TANZI NETO E TREVISANI, 2015, p. 56).

Nessa conjuntura, as tecnologias digitais podem atuar como uma grande ferramenta de ensino. O que aconteceu durante o ERE foi a junção de diversos fatores que acabaram afetando o desenvolvimento desse formato e conseqüentemente o

desempenho dos alunos. Esses fatores, estão vinculados a situação caótica em que o país se encontrava durante o período em questão, e também ao isolamento social que se estendeu durante alguns meses. De acordo com o relato dos alunos, podemos observar que esses fatores influenciaram diretamente no seu ensino e aprendizagem. Fizemos a seguinte pergunta: “Como você avalia os métodos aplicados para o desenvolvimento do Ensino Remoto Emergencial e o impacto que o ERE causou no seu ensino e aprendizagem?”,

Os métodos aplicados durante o ERE supriram as necessidades, já o impacto, podemos dizer que foi mais psicológico e social, porque, no momento em que estamos sobrecarregados psicologicamente, nosso rendimento cai e isso não acontece apenas no ensino remoto, mas também presencialmente em sala de aula. (Aluno I, Q2)

Os métodos aplicados nas aulas do ensino remoto eram bons, mas não atrativo e as vezes cansativo. O impacto do ensino remoto para o meu ensino e aprendizagem não foi grande, pois apesar de tudo consegui aprender muito com o ensino remoto, como por exemplo, o ensino remoto proporcionou uma maior aproximação das tecnologias com as salas de aula. (Aluno J, Q1)

Tive alguns problemas diante a grande demanda de atividades no início, o que impactou na qualidade de estudo, pois com a grande demanda o tempo de estudo de qualidade foi diminuído. (Aluno K, Q1)

Diante desses relatos entendemos e percebemos as diferentes formas como o ERE influenciou a vida e o processo de ensino e aprendizagem de cada um; o aluno “I” traz uma observação muito pertinente em relação as relações sociais e os problemas desenvolvidos pela falta dessas relações. Já o aluno “J” diz que, embora tenha se cansado com os métodos implementados, os impactos no seu ensino e aprendizagem não foram tão grandes. E por último temos o aluno “K” que ao contrário dos outros dois, relata que o ERE e seus métodos afetaram diretamente na sua qualidade de estudo, e explica que o motivo dessa má qualidade se deu por conta do alto teor de atividades. Isso, reflete um pouco o que a comunidade estudantil passou durante esse período; são inúmeras realidades, que devem ser levadas em consideração.

As aulas *online*, eram desenvolvidas em um tempo diferente das aulas presenciais. Aulas síncronas (em tempo real), aconteciam no máximo em duas horas, um tempo consideravelmente curto se compararmos com as aulas presenciais, mas um horário adequado para exposição à tela; alguns relatos colocaram em evidencia

esse curto tempo destinado ao contato entre professor e aluno, assim o aluno “L” relatou que, “Achei regular. O maior impacto foi na minha saúde mental, pois tínhamos muitas atividades para pouco tempo.” (Aluno L, Q2). Com isso, entramos em uma oposição, onde o tempo reduzido das aulas online era justamente devido aos cuidados que o tempo diante das telas requer, embora isso resultasse aligeiramento dos conteúdos. Diante disso, os conteúdos restantes eram trabalhados de forma assíncrona, o que privava o aluno da interação aluno-professor. Esse cuidado para não cansar o aluno diante da tela produzia a ausência de relações e objeções como a citada no relato do aluno “L”.

Em meio a tudo isso, mesmo com inúmeras dificuldades, aprendizados foram construídos. A experiência vivenciada através da participação em um novo formato de ensino possibilitou aos alunos e professores, novos conhecimentos de novas técnicas que não os deixarão, independentemente do formato de ensino em que estejam atuando. Sobre esses aprendizados e sobre o ERE, o aluno “M” nos diz que foi “bom, mas com algumas lacunas, mas de uma certa forma foi uma experiência interessante e espero que seja aprimorado, para que a aprendizagem seja melhor no futuro.” (Aluno M, Q1). Existe uma frase do teórico Vygotsky (1989, p.75) que diz “O saber que não vem da experiência não é realmente saber.”, tudo que vivenciamos nos últimos tempo, as novas práticas que caíram sob nossas mãos devem ser encaradas como experiências necessárias, na tentativa de que para tudo possa se buscar um.

### **3.3 O que significa ir à universidade de forma presencial**

Existe uma frase, que ouvimos pela primeira vez durante a participação em um evento de Estágio realizado no CAP/UERN: “é no chão da sala de aula que nos reconhecemos como professores”. Talvez o contexto da frase seja referente à formação docente, mas se formos analisá-la mais a fundo podemos entender o quanto o contato físico, social e as experiências residentes nesse espaço, são indispensáveis para a formação, não só do professor, mas também para o ensino e aprendizagem dos alunos.

Muito se discutiu até aqui sobre os ambientes vivenciados pelos estudantes durante a pandemia do coronavírus e as desigualdades que esses espaços carregam consigo. A introdução do ERE e conseqüentemente as ferramentas digitais mostraram as diferenças sociais que existem na sociedade. De acordo com Saraiva e Santos



(2009), a inclusão digital no Brasil deu-se por meio de ações cujo lócus eram as escolas. Nesse sentido, podemos dizer que essas ferramentas digitais podem, também, promover a educação no espaço escolar, e de fato promovem. Mas com a quarentena, o isolamento social e o ERE, a internet tornou-se necessária não só na escola, mas também em outros ambientes que o aluno esteja. Vejamos, enquanto os alunos estão no âmbito escolar, no Ensino Presencial, compartilham do mesmo acesso a meios digitais, mas ao estarem fora dos espaços escolares inicia-se um processo de (des)igualdade sofrido por aqueles alunos que não possuem as ferramentas necessárias para o acompanhamento das aulas *online*.

Mas, o que significa ir à universidade? Essa é uma pergunta um tanto quando difícil de se responder, uma vez que as respostas podem variar de acordo com os ideais de cada um. Ouso dizer talvez que ir à universidade é ir à procura do conhecimento, é lutar por direitos que foram conquistados por meio de muita luta e que devem ser usufruídos diariamente. Para Saraiva (2009) é na universidade que há a comunicação ilimitada entre professores e alunos, e isso é muito mais do que um recurso de aprendizagem. Para a autora, essa socialização é uma estratégia mútua e um modo de aprender novos significados espaço temporais e novas maneiras de ser e estar no mundo (SAVARIVA, 2009, p. 06). Quando olhamos em direção ao ERE, percebemos que, embora ele dê uma certa liberdade e autonomia aos estudantes no quesito cumprimento de horários, outros aspectos como a falta de comunicação podem afetar diretamente no seu ensino e aprendizagem. Ou, como é relatado pelo aluno "N":

Acho que o meu nível de aprendizagem em relação as aulas caíram, pois em casa sempre me distraia com outras coisas até mesmo com o celular. Para suprir essas lacunas era necessário sempre estar revisando os conteúdos. (Aluno N, Q1)

Embora o aluno tenha se tornado mais independente durante o ERE, ele pode enfrentar outros problemas. Como é dito pelo aluno "N", o seu aprendizado foi diretamente afetado pois, era influenciado por empecilhos do seu dia a dia, como por exemplo o celular – citado por ele – uma ferramenta utilizada para assistir as aulas *online*, desviava sua atenção. Essa falta de atenção do aluno, pode ser reflexo de uma metodologia que muitas vezes cansa os estudantes, e que não prende sua atenção na aula, fazendo com que destine sua atenção a outras coisas que não seja a aula.

De acordo com SARAIVA apud ELY (2009b), “o ERE foi criado com a intenção de manter a educação funcionando em meio a pandemia. Esse formato não substitui o presencial, e sim contribui para minimizar os danos causados pela suspensão das aulas.”. Ao analisarmos esse ponto de vista, surge o questionamento: essa minimização de danos citada pelos autores foi realmente a solução? Se observarmos e levarmos em consideração o que já foi descrito até aqui, a introdução do ERE, embora tenha sido a solução imediata para um momento específico, trouxe consigo, problemas que podem ser considerados “danos” para o ensino e aprendizagem dos alunos. A busca pela redução desses danos citados pelos autores, trouxe consigo outros danos que estão ligados diretamente ao acesso ao processo de ensino e aprendizagem desses alunos. Nesse sentido, a palavra “dano” pode ser que se torne bastante repetitiva; uma vez que aqui ela assume duas significações, em um primeiro momento com a fala dos autores referindo-se à educação em um aspecto geral; e em uma segunda análise, ela é vista como os prejuízos causados no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, em meio as desigualdades presentes em torno do Ensino Remoto Emergencial. Então a justificativa de que o ERE foi criado para minimizar os danos da educação pode ser válida, mas não se pode deixar de citar também os danos que sua introdução trouxe para o ensino e aprendizagem dos alunos.

Dessa forma, ao examinarmos os dois contextos que estão em evidência neste trabalho, o EP e o ERE, podemos ver que os espaços onde esses ensinamentos são realizados contam com realidades bem diferentes. Enquanto no formato remoto nós falamos sobre o escancaramento das (des)igualdades na aquisição, acesso e ambiente adequado, o EP nos mostra a democratização do ambiente educacional, onde pessoas de diferentes classes sociais são colocadas em um ambiente com as mesmas condições materiais de ensino. Porém é importante ressaltar as inúmeras dificuldades enfrentadas tanto pela classe estudantil, quando pela educação em geral. E soma-se a isto, a necessidade de inventar uma outra realidade, adaptar-se a uma realidade em que as desigualdades estão ainda mais evidentes.

É importante ressaltar também que as metodologias utilizadas nos dois ambientes possuem diferenças. Diferente do EP que possui uma instituição com espaços totalmente destinados ao ensino, durante o ERE entre as muitas dificuldades também constatava-se a falta de um local adequado para o estudo; o aluno “O” ressaltou que possui um ambiente “mais ou menos. O barulho externo as vezes atrapalhava no desempenho dos estudos.” (Aluno O, Q1), já o aluno “P” diz que

possui, mas: “Sim, tenho o meu quarto. Mas às vezes barulhos externos apareciam na rua.” (Aluno O, Q1). Nesses dois casos situados em uma mesma turma; podemos ver que são realidades diferentes, mas que se assemelha em determinados pontos; onde um não possui um ambiente propício para o estudo, enquanto o outro aluno possui, mas é assemelhado quando fala de barulhos externos. Com isso, é valioso que exista uma preparação que faça com que essas diferentes realidades se adequem aos estudantes, quando não estamos partilhando dos ambientes apropriados da universidade.

Com isso, outro ponto que deve ser frisado é o tempo das aulas síncronas, realizadas por meio do *Google Meet* em tempo real. O EP conta com uma carga horária que varia entre quatro ou cinco horas de aula, o que dá aos professores e aos alunos tempo para realizarem discussões de uma maneira mais descontraída e produtiva, o que não aconteceu durante o ERE. Enquanto no EP temos tempo para realização das aulas, o formato remoto conta com no máximo duas horas de aula, isso, visando a saúde daqueles que estão envolvidos; uma vez que, ficar diante de uma tela por muito tempo pode causar problemas na visão, dentre outros. Diante disso, o aluno “Q” diz: “Os professores tinham bons métodos, porém, como o ensino remoto as aulas eram mais curtas, acabou dificultando a aprendizagem em assuntos nos quais poderiam ir mais além, eram vistos por cima.” (Aluno Q, Q2). Nesse depoimento, o aluno alega que, o tempo destinado as aulas síncronas eram curtas; e acabava que os conteúdos não eram apresentados como realmente deveriam ser, causando problemas no ensino e aprendizagem dos alunos.

Falamos sobre as aulas síncronas, mas, além disso, o ERE contava também com aulas assíncronas; que eram realizadas de forma *offline*, ou seja, atividades eram destinadas aos alunos, e eles realizavam-nas em casa sem o acompanhamento do professor. Há alguns relatos em relação a essa metodologia. Os alunos “R”, “S” e o aluno “T” dizem: “Achei regular. O maior impacto foi na minha saúde mental, pois tínhamos muitas atividades para pouco tempo.” (Aluno R, Q2). “Tive alguns problemas diante da grande demanda de atividades no início, o que impactou na qualidade de estudo, pois com a grande demanda o tempo de estudo de qualidade foi diminuído.” (Aluno S, Q2). “O ERE causou muito cansaço físico e visual para aqueles que ficavam muitas horas em frente às telas.” (Aluno T, Q1). Podemos ver que grande demanda de atividades solicitadas pelos professores no início do ERE fez com que os alunos

se sobrecarregassem, e isso, refletiu não só no ensino e aprendizagem deles, mas também em sua saúde tanto física quando psicológica.

Evidenciamos algumas práticas realizados durante o ERE, com o objetivo de mostrar as diferenças entre o formato remoto e o EP, diferenças como ambientes, tempo, acesso à educação dentre outros aspectos. Para concluirmos nossa discussão sobre esses dois ambientes, observaremos outro relato em relação ao EP, onde o aluno “U” descreve: “Os métodos eram simples, e um pouco repetitivos. As aulas não possuíam tanta dinâmica quanto agora.” (Aluno U, Q2). Aqui, o aluno faz referência aos métodos utilizados durante o ERE, e logo em seguida diz que as aulas não contavam com tanta dinâmica quando agora, referindo-se ao contexto presencial de ensino. Ao vermos esses relatos, podemos observar os impactos positivos que o EP possibilita no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Pois, como Kleiman (2005) afirma, e deixamos isso ainda mais em evidencia aqui, o ato de aprender está ligado diretamente as práticas sociais; e o ensino presencial possibilita a realização dessas socializações, tanto entre alunos, professores e todos aqueles que fazem parte das instituições.

Ir à universidade significa, antes de qualquer coisa, igualdade; é nesse local que todos compartilham dos mesmos benefícios e partilham do maior benefício de todos: o aprendizado. O ato de aprender não é uma prática realizada de maneira particular, é a soma de muitos processos e partilhamentos. A educação é a porta que está presente em nossa vida e anseia para que nós a abramos, mas como o mestre FREIRE (2005, p. 58) diz “ninguém liberta ninguém, [...] as pessoas se libertam em comunhão”. É necessária a socialização para que a ensino e aprendizagem aconteça de maneira solidificada.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que possamos iniciar as reflexões finais desse trabalho, ressignificamos a palavra “finais” para que possa ser entendida como um breve momento e não apenas um término; pois ainda há muito para ser discutido e analisado. Ao trabalharmos os dados produzidos por meio de questionários podemos dizer que, embora os alunos tenham considerado os métodos utilizados durante o ERE satisfatórios, eles reiteram que os níveis de aprendizado não são os mesmos partilhados no EP. Segundo os estudantes, esse problema persistiu em virtude de diversos contratempos; entre esses, estão a falta de contato entre professor e aluno, a não disponibilização de um local adequado para o estudo. Outro problema que aparece frequentemente nos relatos dos universitários a falta de equipamentos tecnológicos adequados para que pudessem acompanhar assiduamente as aulas *online*.

Nesse sentido, consoante aos problemas que foram relatados, esse trabalho torna-se importante por analisar quais as adversidades enfrentadas pelos universitários do curso de Letras do CAP/UERN durante a pandemia, assim como também avaliar medidas que foram criadas e outras que poderiam e ainda podem ser desenvolvidas a fim de fazer com que os alunos tenham acesso à educação de qualidade independente do contexto em que a educação esteja inserida, seja em um meio remoto, seja presencial. A partir disso, é necessário estudos voltados para esse assunto, pois não podemos deixar de refletir acerca da importância que o Ensino Remoto Emergencial (ERE) exerceu durante o período pandêmico; visto ser preciso revê-lo e melhorá-lo, atualizá-lo para que problemas como os que foram relatados não interfiram no ensino e aprendizagem dos alunos.

Com a introdução do ERE, tudo que antes era realizado de forma presencial passou a ser desenvolvido em formato remoto, tudo passou a ser produzido em um mundo virtual. Com isto, toda a grade curricular passou a ser executado de forma remota. De acordo com as investigações, esse processo migratório, de um ambiente a outro, afetou diretamente o ensino e aprendizagem dos alunos; pois, não só os alunos, mas todos que fazem parte da educação se viram na obrigação de adaptar-se em um ambiente totalmente novo e não explorado por grande parte da população. Conforme os dados da pesquisa, podemos dizer que a maioria dos alunos relatam que passaram por problemas no ensino e aprendizagem, devido a problemas

referentes aos equipamentos tecnológicos necessários para o acompanhamento das aulas. Mas, eles não descartam a importância exercida pelo ERE durante a pandemia. Todavia, dão ênfase na (des)igualdade que foi produzida durante o formato de ensino remoto. Essas desigualdades que se desenvolveram – ou melhor dizendo, desigualdades que se tornaram visíveis –, foram alguns dos principais problemas durante esse período. Esse desequilíbrio social que sempre esteve presente na sociedade, com a introdução do ERE, se tornou ainda mais visível em pautas de discussões. A falta de acesso a meios tecnológicos durante as “aulas virtuais”, fez com que muitos jovens não pudessem acompanhá-las, o que acarretou em uma desigualdade também referente ao ensino e à aprendizagem desses estudantes.

Em meio a isso tudo, pudemos verificar também que alguns estudantes apreciaram o desenvolvimento do ERE. E, relataram que tanto seu processo de adaptação quanto o processo de ensino e aprendizagem não foram afetados. Isso, nos faz pensar que, se o ensino remoto for trabalhado de modo a preencher as lacunas que existem nele hoje, pode ser um recurso precioso para a educação. Uma ferramenta de grande poder de alcance tanto para alunos como para professores.

Além dos contratempos citados até aqui, outro ponto a ser considerado é, a falta de um ambiente adequado para o acompanhamento das aulas; ou os múltiplos ambientes utilizados para o ensino no formato remoto. Existem diferentes realidades por trás de cada aluno, e por trás dessas realidades existem diversos ambientes que os alunos fizeram uso, ambientes que muitas vezes não lhes davam o apoio necessário para que pudessem ter um bom desempenho. Além disso, conforme os relatos dos estudantes, muitas vezes o que acontecia também era que, muitos dos alunos que dispunham dos equipamentos necessários para o desenvolvimento de tarefas, não desfrutavam de um local adequado para que as atividades fossem desenvolvidas. A falta ou a dificuldade de conciliação entre o novo formato de ensino e o cotidiano residencial é outro contratempo a ser considerado.

Pensando nessa escassez de equipamentos tecnológicos, e observando a necessidade que esses meios se traziam durante o ERE, algumas formas foram desenvolvidas pela universidade para tentar tornar esse ensino mais acessível. Dessa forma, com o intuito de diminuir o problema de acesso a esses meios tecnológicos, a universidade criou um programa para auxiliar os estudantes que possuem uma vulnerabilidade, o “Auxílio Digital”, que ajudava alguns alunos com uma quantia, para fins educacionais. Tal projeto foi de grande importância, para uma parte dos

estudantes que foram contemplados. Mas, apenas o desenvolvimento desse auxílio não é o suficiente para tornar o ERE acessível para todos, uma vez que o programa não beneficia todos os estudantes que passam por dificuldades em relação a esses meios tecnológicos.

Nesse sentido, o desenvolvimento de um auxílio digital que se mantenha por um determinado período e não apenas algo temporário, pode ser algo a ser pensado, a fim de fazer com que o aluno tenha um aporte para continuar os estudos. A universidade em conjunto com o Estado poderia desenvolver políticas públicas de acesso, pensando no melhoramento da vida da comunidade estudantil; fazendo com que os alunos se mantenham seguros durante momento de vulnerabilidade. Essa conjuntura, pode ser levada também ao diálogo entre os próprios municípios, que podem disponibilizar o acesso à internet em lugares distantes do centro da cidade.

É importante ressaltarmos que a universidade como meio físico é de grande importância para o ensino e aprendizagem dos alunos e que o Ensino Remoto Emergencial (ERE) enquanto não pensado de forma que disponibilize todas as condições de ensino necessárias que estudantes possuem no formato presencial, é um mecanismo fadado a falha. Pois, enquanto universidade se caracteriza por sua democratização, ou seja, todos que estão na universidade possuem o mesmo acesso porque dispõem do mesmo espaço e condições materiais de iluminação, ventilação, sonoridade, etc. para estudo, independente da condição social, o ERE deixa transparecer a (des)igualdade no acesso às aulas, ou no processo ao acesso do ensino e aprendizagem dos alunos. Por fim, reafirmamos aqui que, o objetivo não é taxar o ERE como um formato bom ou ruim, o intuito é mostrar que todo mecanismo pode ser utilizado para a educação, e para que isso aconteça é necessário que as lacunas existentes em meio ao formato de ensino – lacunas referentes a acessibilidade – sejam preenchidas, com o intuito de possibilitar o acesso igualitário ao ensino e a aprendizagem, e tornar um o ambiente democrático assim como acontece no ensino presencial.

Diante disso, levando em consideração que nosso trabalho gira em torno do Ensino, a investigação sobre como o ensino e a aprendizagem dos estudantes de Letras do CAP/UERN se desenvolveram durante a pandemia mostra-se de suma importância. Além de tornar-se importante por mostrar, de acordo com os dados da pesquisa, como esse ensino e aprendizagem foi realizado durante o ERE, o intuito também foi fazer com que o formato de ensino seja melhorado. A partir disso,

buscamos contribuir para futuras investigações sobre o ensino e aprendizagem no Ensino Remoto Emergencial (ERE) durante a pandemia.



## REFERÊNCIAS

**A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política.** São Paulo: Editora Cortez, 2006.

AUGÉ, Marc. Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida / Zygmunt Bauman; tradução, Plínio Dentziem. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2001.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 05 de março de 2022.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

COQUEIRO, Naiara Porto da Silva e SOUZA, Erivan Coqueiro. **A educação a distância (EAD) e o ensino remoto emergencial (ERE) em tempos de Pandemia da Covid 19.** Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.7, n.7, p. 66061-66075 jul. 2021.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

**Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação** [recurso eletrônico] / Organizadores, Lilian Bacich, Adolfo Tanzi Neto, Fernando de Mello Trevisani. – Porto Alegre: Penso, 2015. e-PUB.

FANTÁSTICO, **Jovem sobe no alto de árvore para melhorar sinal de internet e assistir aulas no Pará.** Disponível em <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/03/21/jovem-sobe-no-alto-de-arvore-para-melhorar-sinal-de-internet-e-assistir-aulas-no-para.qhtml>, acesso em 06 de Março de 2022.

FEITOSA, Murilo Carvalho; MOURA, Patrícia de Souza; RAMOS, Maria do Socorro Ferreira; LAVOR, Otávio Paulino. **Ensino Remoto: O que Pensam os Alunos e Professores?.** In: CONGRESSO SOBRE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO (CTRL+E), 5. , 2020, Evento Online. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2020. p. 60-68. DOI: <https://doi.org/10.5753/ctrl.e.2020.11383>.

FERREIRA, D., BANCHI, B., SUGAHARA, C. **Processo de ensino e aprendizagem no contexto das aulas e atividades remotas no Ensino Superior em tempo da pandemia Covid-19.** v. 12 n. 1sup (2020): Ensinar e aprender no cenário de pandemia.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 47.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Edições Paz e Terra, 2005

GOODSON, I. **Currículo, narrativa e o futuro social**. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 35, maio/ago. 2007. Disponível em <[www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a05v1235.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a05v1235.pdf)>. Acesso em ago. 2022.

GÜNTHER, I. A. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, Mai-Ago 2006, Vol. 22 n. 2, pp. 201-210. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/HMpC4d5cbXsdt6RqbrmZk3J/?lang=pt#>> Acessado em julho 2022.

**Multiletramentos na pandemia: aprendizagens na, para a e além da Escola** [recurso eletrônico]. / Dorotea Frank Kersch...[et al] (organizadoras). – São Leopoldo, Casa Leiria, 2021.

LEÃO, Lourdes Meireles. **Metodologia do Estudo e Pesquisa: facilitando a vida dos estudantes, professores e pesquisadores**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2017.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Trad. Carlos Irineu da Costa, 1998.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo, Ed. 34, 1996.  
LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2004.

MACEDO, Elizabeth. **Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural**. *Revista Brasileira de Educação* v. 11 n. 32 maio/ago. 2006

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 8. Ed. São Paulo: Atlas 2017.

MELO, Elvis Medeiros de; MAIA, Dennys Leite (2019). “Uma Análise Exploratória de Dados sobre o Uso do Smartphone por Estudantes de PósGraduação em Tecnologias Educacionais”, **Revista Tecnologias na Educação**, v. 31, p. 1-20. <https://tecedu.pro.br/wp-content/uploads/2019/12/Art2-Ano-11-vol31-Dezembro2019.pdf>, maio.

MORAN, J. M. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Campinas: Papirus, 2003.

MOREIRA, J. A. Reconfigurando Ecossistemas Digitais de Aprendizagens com Tecnologias Audiovisuais Em Rede - **Revista de Educação a Distância**, v. 5, n. 1, p. 5-15, 2018. Disponível em: <https://auniredede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/305>.

MOREIRA, J. A., HENRIQUES, S., BARROS, D. **Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia**. *Dialogia*, 34, 351-364, 2020.

MOREIRA, José A.; SCHLEMMER, Eliane. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. **Revista UFG**, v. 20, 63438, 2020.

PEREIRA, Marcela Schild. Reinvenção pedagógica da Unisc em tempos de pandemia: um novo espaço para a educação online. **UNISC – Universidade de Santa Catarina**, Santa Catarina, 28 abr. 2020.

PINHEIRO, Geslani Cristina Grzyb. **Teoria curricular crítica e pós-crítica: uma perspectiva para a formação inicial de professores para a educação básica**. ANALECTA Guarapuava, Paraná v.10 n. 2 p. 11-25 jul./dez. 2009

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus Avançado de Patu (CAP/UERN)*, 2018.

SANTOS, B. de S. SARAIVA, K. Uma educação sem limites. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009, Caxambu. Anais [...]. Caxambu: ANPED, 2009b. p. 1-14.  
B

SARAIVA, K.; SANTOS, I. M. **A internet nasce para todos**. Textura, Canoas, n. 19-20, p. 51-64, 2009.

SILVA, Silvio Luiz Rutz da **Ensino remoto emergencial [livro eletrônico]** / Silvio Luiz Rutz da Silva, André Vitor Chaves de Andrade, André Maurício Brinatti. -- Ponta Grossa, PR: Ed. dos Autores, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu. Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da Pedagogia Crítica. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Pedagogia dos monstros: Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOUZA, Elmara Pereira de. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. CADERNOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS. Ano XVII Volume 17 Nº 30 jul./dez. 2020

STEIGLEDER, Clara Natalia. BOTTEGA, Carla Garcia. WAYNE, Lara Steigleder. HOLZ, Raquel da Fonseca. OLIVEIRA, Celmar Corrêa de. **A COVID-19 e os Impactos nos Deslocamentos dos Alunos Universitários do Rio Grande do Sul - Subjetividades no Espaço Urbano**. Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), GPTrans – Grupo de Pesquisa em Trânsito e Transporte, [2021].

VERGARA, Silva Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 5. Ed., São Paulo: Atlas, 2005

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989

**APÊNDICE A – Questionário em relação ao Ensino Remoto Emergencial (ERE)**

01. Como você avalia sua experiência com o ensino remoto?
  - a. Ótimo
  - b. Bom
  - c. Regular
  - d. Ruim
02. Como avalia seu processo de aprendizagem durante o novo formato de ensino?
03. Possui matérias, meios tecnológicos para o acompanhamento das aulas online?
  - a. Sim
  - b. Não
04. Informe qual sua principal dificuldade para acompanhar as aulas remotas.
05. Como você avalia os métodos aplicados no ensino remoto e o impacto que esse novo formato causou no seu processo de aprendizagem?
06. Conhece o “auxílio digital”?
  - a. Sim
  - b. Não
07. Você precisou de auxílio digital para continuar acompanhando as aulas?
  - a. Sim
  - b. Não
08. Você foi contemplado pelo auxílio digital?
  - a. Sim
  - b. Não
09. Em sua residência você possui um ambiente propício para o acompanhamento das aulas remotas?
10. Você conseguiu vincular as atividades do cotidiano com as atividades remotas?
11. Entre os múltiplos ambientes que se permearam nos últimos tempos (ensino presencial e formato remoto), e os sentidos produzidos nesses espaços considerando o tempo de acesso ao processo de ensino aprendizagem: conseguiram identificar algum sentido de desigualdade produzido durante esse processo?